

# PAPEL DA AGRICULTURA NO PLANO REAL: ESTABILIZAÇÃO DA MOEDA E MODERNIZAÇÃO DO SETOR

*Gustavo Henrique Fideles Taglialegra<sup>(1)</sup>*

*Gustavo Bracale<sup>(1)</sup>*

*Kichiro Mandai<sup>(1)</sup>*

*Eduardo Luís Leão de Sousa<sup>(1)</sup>*

Em julho de 2000, o Plano Real entrou em seu 6<sup>o</sup> ano de vigência. Ao longo de todo esse período, tivemos uma taxa de inflação acumulada da ordem de 80% (Tabela 1), taxa esta que, há menos de uma década, já chegou a representar o aumento dos preços referentes a um único mês. Se considerado apenas o grupo de alimentação da cesta básica, a alta não ultrapassou os 25%, fato que reforça a inegável contribuição do setor agropecuário para a estabilização da moeda e o bem-estar econômico, principalmente para as camadas de baixa renda da população. O que se pretende demonstrar neste artigo é que, a despeito do quadro econômico-financei-

ro aparentemente desestimulante para o setor agropecuário, a atividade tem mostrado invejável desempenho nestes seis anos de Plano Real.

Para essa análise, foram considerados os oito principais produtos da cesta básica do Procon/Dieese, que juntos representam quase 80% do grupo alimentação: carne bovina e de frango, arroz, café, leite, açúcar, óleo de soja e feijão. O índice de inflação e a variação dos preços nominais desses produtos ao longo do Plano Real podem ser observados na Tabela 1.

A produção agropecuária utilizada como matéria-prima para aqueles produtos alimentícios apresentou, em sua maioria, significativo aumento, tan-

to na quantidade produzida quanto nos ganhos de eficiência. Será, então, desenvolvida uma análise do desempenho dos oito setores mencionados, enfocando aspectos de produção e consumo.

## *Café*

A cafeicultura mundial passou por uma séria crise de preços no início da década de 90. Isso fez muitos produtores diminuírem o nível tecnológico da produção e até mesmo abandonarem as lavouras menos produtivas, o que acabou provocando uma redução na oferta mundial do produto. A partir de meados da década, influenciados pela menor oferta, agravada pela geada de 1994, os preços do produto começaram a reagir, atingindo níveis altamente remuneradores. Esta nova situação incentivou os produtores a implantarem novas áreas e a renovarem as lavouras antigas, de baixa produtividade. Esta renovação se caracterizou, principalmente, pela adoção do sistema adensado de plantio, que possui potencial de produtividade bem mais elevado, em comparação com o sistema convencional. Pode-se dizer que houve uma verdadeira renovação do parque cafeeiro nacional. A produtividade média, que se mantém, historicamente, em torno de 10 sacas por hectare, chegou, em 1998, a 14,85 sacas por hectare. No período de 1994 a 2000, a taxa de crescimento médio da produtividade foi de 1,7% ao ano.

Atualmente, essas novas lavouras estão entrando em produção. Para os próximos anos, pode-se dizer que haverá um aumento significativo da oferta. É importante salientar que o potencial produtivo dessas lavouras adensadas é muito mais elevado. Portanto, pode-se dizer que o aumento da produção brasileira não será consequência apenas da expansão da área, mas também do aumento da produtividade.

Além disso, a adoção de novas tecnologias, como a irrigação e a colheita mecanizada, permitem a expan-

**Tabela 1**  
**Variação Acumulada da Inflação, do Valor da Cesta Básica e**  
**de seus Principais Componentes, em Termos Nominais**  
**(de julho/1994 a julho/2000)**

| Indicador/Produto            | Variação (%) |
|------------------------------|--------------|
| Inflação (IPC-FIPE)          | 83           |
| Cesta Básica (PROCON/DIEESE) | 28           |
| Açúcar Varejo                | -7           |
| Arroz Varejo                 | 15           |
| Café em Pó Varejo            | -12          |
| Carne 1 <sup>a</sup> Varejo  | 52           |
| Carne 2 <sup>a</sup> Varejo  | 30           |
| Feijão Varejo                | 14           |
| Frango Resfriado Varejo      | -8           |
| Leite em Pó Varejo           | 17           |
| Óleo de Soja Varejo          | 3            |

Fonte: Procon/Dieese e FIPE-USP.

(1) Os Autores são técnicos da Coordenação Geral de Produtos Agrícolas, da Secretaria de Acompanhamento Econômico, do Ministério da Fazenda.

são da cafeicultura em novas áreas, com menor risco de geada e com custos de produção mais baixos, como é o caso do cerrado mineiro e o oeste baiano.

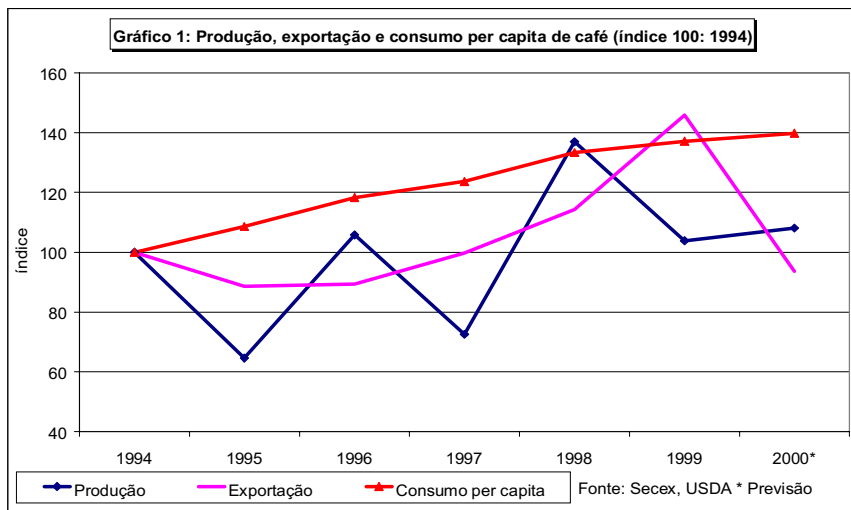
A expectativa para os próximos anos é de aumento de oferta, e possível queda de preços. Como o Brasil está renovando sua cafeicultura, esta é uma excelente oportunidade para o País aumentar sua participação no mercado internacional, aproveitando sua maior competitividade, devido ao fato de possuir uma cafeicultura mais moderna e empresarial, em comparação com seus concorrentes. O gráfico 1 mostra a tendência de aumento das exportações brasileiras. Porém, neste mesmo período, diminuiu a participação do Brasil no total das exportações mundiais. Isso mostra que, como contrapartida ao crescimento da oferta do café brasileiro, é necessário adotar uma política de expansão no mercado internacional.

Ainda com relação ao comércio internacional, é importante destacar a importância da cafeicultura na balança comercial do agronegócio. Nos últimos anos a receita cambial do produto tem se mantido em patamares superiores a US\$ 2 bilhões, sendo o segundo setor com maior peso nas exportações do agronegócio, logo após o complexo soja.

O café, que tem uma participação de 8% no valor da cesta básica, tem seu preço formado de acordo com as condições de oferta e demanda mundiais. Por ser uma commodity tipicamente comercializada em bolsas de mercado-

ria, ocorrem freqüentemente variações bruscas em suas cotações. No sentido de amenizar o impacto dessas variações no índice da cesta básica, tem sido importante a política do governo federal de leilões dos estoques governamentais. Durante o período em análise, verificou-se que o consumo interno per capita de café cresceu a uma taxa de 5,6% ao ano. Além do aumento da renda da população, outra razão desta elevação no

Em razão do aumento do nível de renda da população, houve grande crescimento do consumo, tanto de leite fluido, como de derivados (queijos, iogurtes etc.). O consumo per capita de leite fluido teve um crescimento médio, de 1994 a 1999, de 7,4% ao ano. A produção nacional teve, no mesmo período, um crescimento médio de 3,3% ao ano. O gráfico 2 mostra a evolução do consumo de leite em pó e da produção nacional.



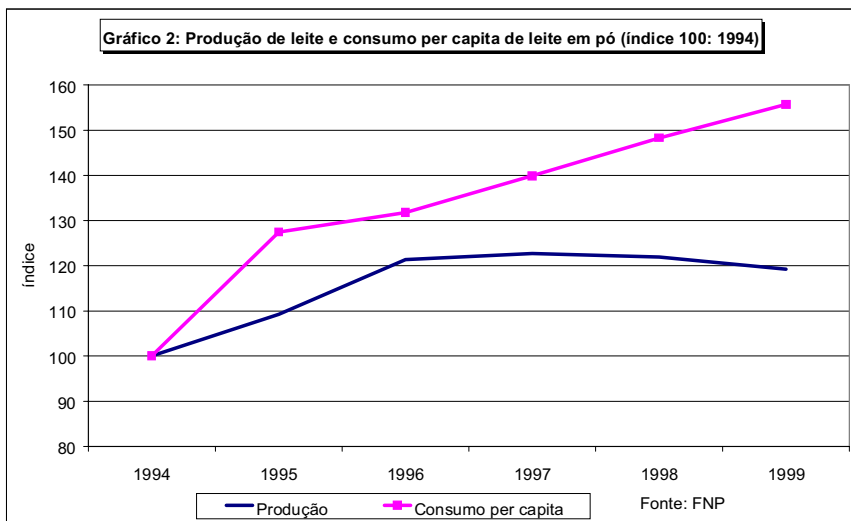
consumo é a maior preocupação das torrefadoras em oferecer ao consumidor brasileiro um produto de melhor qualidade.

#### Lácteos

O setor de lácteos foi um dos que mais cresceram durante o Plano Real.

A pecuária leiteira no Brasil tem passado, nos últimos anos, por importantes mudanças estruturais. O ponto de referência desta mudança foi a expansão e a ampla aceitação pelo consumidor brasileiro, do leite longa vida, comercializado em embalagens do tipo Tetra Pack. Este tipo de embalagem permite que o produto seja transportado a longas distâncias. Este tem sido um dos principais motivos da expansão da pecuária leiteira para regiões não tradicionais, como o Estado de Goiás. Nessas regiões, é possível a produção de leite a custos inferiores aos das tradicionais bacias leiteiras de Minas Gerais e São Paulo.

Apesar de ter-se verificado grande crescimento da oferta interna de leite, este não tem sido suficiente para suprir o aumento da demanda. Por essa razão, houve um incremento nas importações do produto, principalmente nos períodos de maior escassez interna. As importações, inclusive, são uma importante forma de contenção dos preços internos.



Nos últimos meses, verificou-se, ao contrário, um aumento do nível dos preços do leite, o que tem afetado diretamente o índice da cesta básica. Estas altas se devem, primordialmente, a uma situação conjuntural de redução da oferta provocada pela longa estiagem de 1999 e pela própria entressafra de 2000. Além disso, verifica-se uma reestruturação dos níveis de preço ao produtor, em virtude da nova estrutura de custo oriunda da desvalorização cambial do ano passado.

### Complexo Soja

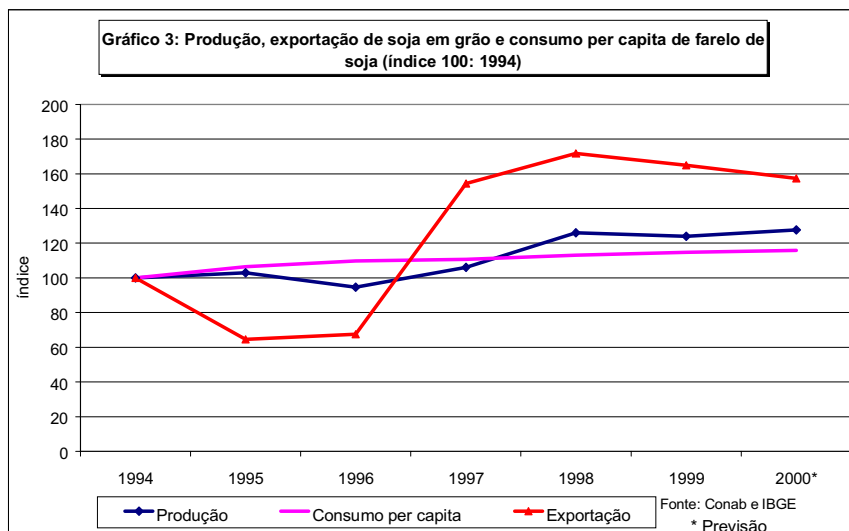
O complexo soja é um dos setores do agronegócio brasileiro que mais tem se desenvolvido. Nos últimos cinco anos, o crescimento médio da produção de soja foi de 5% ao ano. Este incremento na produção não se deve apenas à expansão da área plantada, mas também ao crescimento médio da produtividade, de 1,7% ao ano, no mesmo período.

Com relação ao comércio internacional, verifica-se um aumento médio de 13,5% nas exportações de soja em grãos (Gráfico 3). Uma das principais razões para esse crescimento foi, sem dúvida, a implantação da lei Kandir, que, em 1996, desonerou as exportações do ICMS, aumentando a competitividade do grão brasileiro. Em contrapartida, as exportações de farelo e óleo de soja bruto tiveram comportamento estável nas suas quantidades exportadas.

É importante destacar, ainda, o aumento no consumo de farelo de soja, utilizado nas rações animais, que cresceu a uma taxa de 6,5% ao ano. Pela participação do farelo na composição de rações animais, este é um importante indicativo do crescimento nos setores de produção de carnes, como avicultura, suinocultura e bovinocultura.

### Arroz

No período de 1994 a 2000, a produtividade média da orizicultura brasileira aumentou cerca de 30%, registrando um crescimento médio anual de 3,8%. O desempenho da produção, que



não apresentou resultado semelhante (vide Gráfico 4), cresceu a uma taxa média anual de apenas 0,8%. Esse descompasso entre os desempenhos da produtividade média e da produção foi uma decorrência do comportamento irregular da área semeada.

As dificuldades enfrentadas pelos produtores para comercialização da safra em meados década de 90, devido aos baixos preços recebidos, foram o principal fator de desestímulo ao cultivo do arroz e se refletiram em sucessivas retrações de área, especialmente nas regiões tradicionais de plantio.

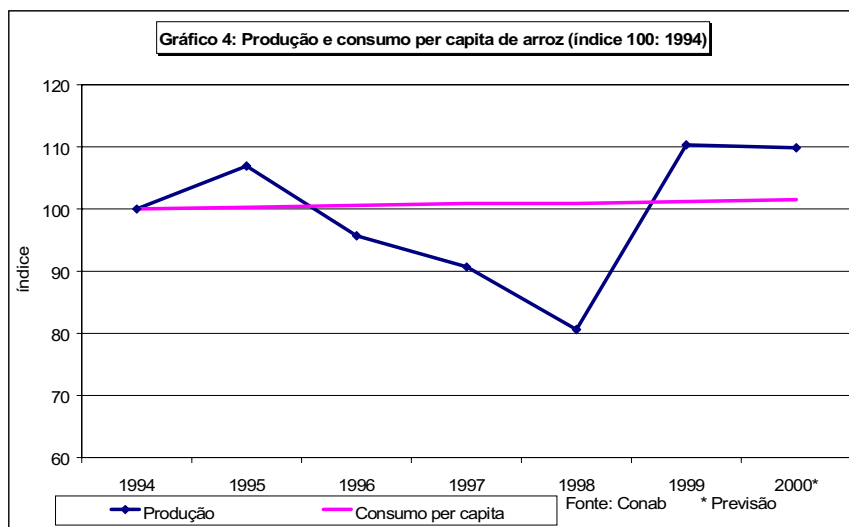
Ao longo da década, três fatores foram preponderantes para a dinâmica deste produto:

O primeiro refere-se ao incremento da produção nos demais países do Mercosul, estimula-

da, principalmente, pela isenção tarifária nas importações intrabloco, aliada ao menor custo de produção nesses países. Nesse período, Argentina e Uruguai aumentaram sua produção em 64% e 33%, passando, respectivamente, de uma produção de 974 mil t e 972 mil t, em 1996, para 1,6 milhão de t e 1,3 milhão de t, em 1999.

O segundo trata-se da redução dos estoques governamentais, agravada pelas adversidades climáticas que atingiram as regiões produtoras do Brasil e do Mercosul, em 1998.

O terceiro fator está relacionado à introdução de novas variedades de sequeiro no Mato



Grosso, com elevado potencial de produtividade e qualidade superior àquelas variedades tradicionais de sequeiro. Esse estado respondia, em 1995, por 6,7% da produção nacional, passou a representar 16,3%, em 2000. Enquanto isso, a participação do Rio Grande do Sul manteve-se estável, em torno de 45%.

O aumento da produção na Região Centro-Oeste e demais países do Mercosul, combinado com a estagnação do consumo, levou a um quadro estrutural de excedentes no bloco, o que provocou a necessidade de intervenção do governo na comercialização do produto, resultando na recomposição dos estoques oficiais.

### Feijão

O feijão caracteriza-se por ser um produto de baixa elasticidade-renda e consumido em larga escala apenas no Brasil. O seu cultivo estende-se por quase todas as regiões do País. Na Região Centro-Sul, principal produtor, é produzido em três safras anuais, sendo que a primeira (outubro a fevereiro) e a segunda (abril a junho) representam quase 90% do volume anual. Com exceção da terceira safra irrigada (agosto a setembro), que exige maior investimento em tecnificação, a grande parte dos produtores dessa leguminosa é constituída de pequenos e médios produtores com emprego de poucos recursos tecnológicos disponíveis.

Pelo fato de o produto ser consumido em maior volume por população de menor renda, a elevação do poder aquisitivo, proporcionada pela estabilidade econômica, possibilitou acesso dessa camada de consumidores para outras proteínas consideradas mais nobres, como carne bovina e frango, o que refletiu em uma diminuição média do consumo per capita de feijão de 2,6% ao ano, no período de 1994 a 2000, conforme pode ser visualizado no Gráfico 5.

### Açúcar

O mercado de açúcar doméstico

brasileiro apresentou, no período analisado (1994–2000), demanda firme, mas com taxa de crescimento moderada, observando-se média de 3,3% ao ano, valor compatível com as taxas de incremento de consumo mundiais. Já a produção apresentou crescimento médio de 9,6% ao ano no mesmo período, devido aos investimentos constantes em tecnologia, que permitiram ao País consolidar-se no mercado mundial, como líder em produtividade.

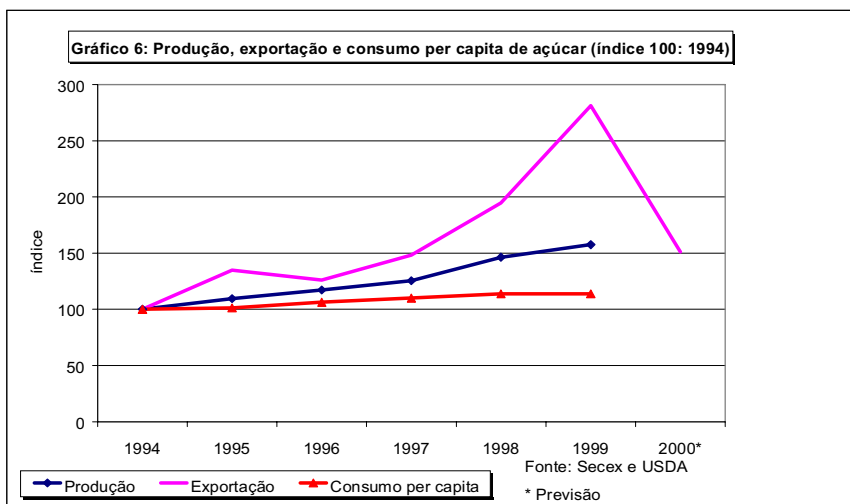
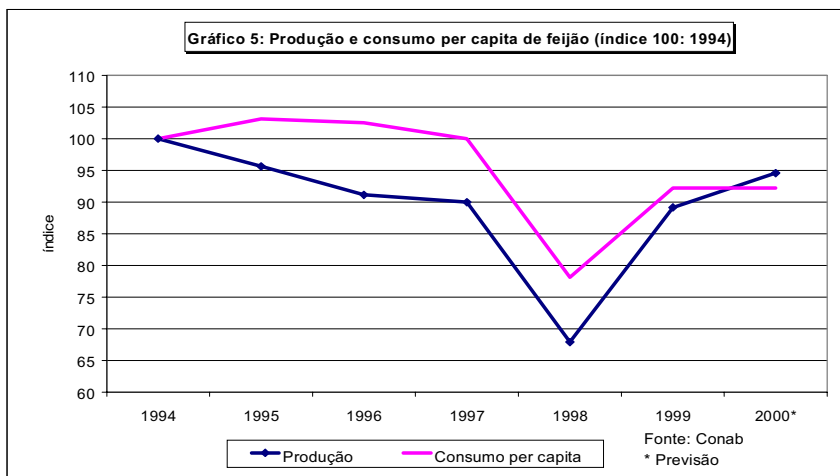
Sendo o País, o principal produtor mundial, suas exportações tiveram grande crescimento durante esses anos (11,3% ao ano), chegando a estabelecer volume recorde no ano de 1999, com cerca de 12 milhões de toneladas embarcadas. Porém, com a quebra de safra esperada, o volume de açúcar exportável deve recuar cerca de 50% em 2000 (Gráfico 6). Além da quebra, outro fator que contribuiu para a diminuição

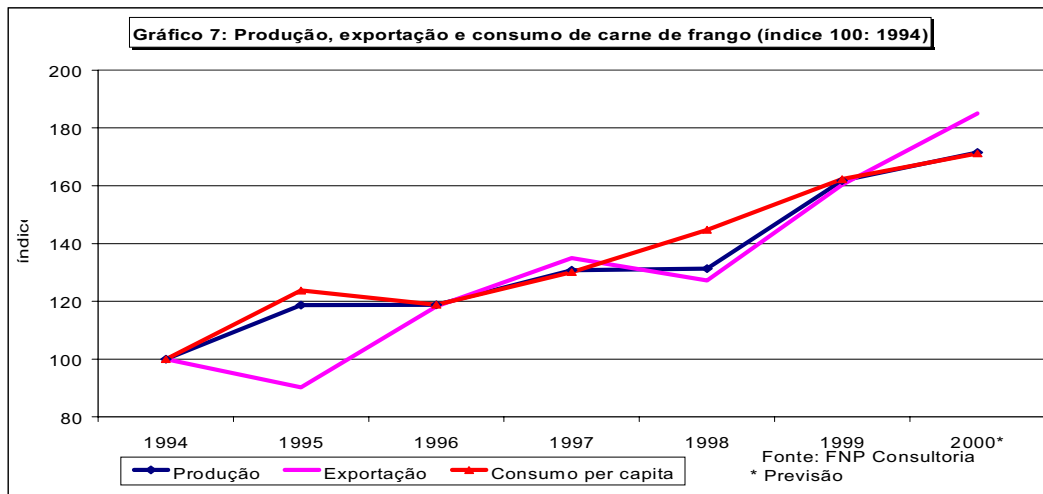
do volume de açúcar direcionado a exportação são os preços internos, tanto de álcool, como de açúcar, que apresentam níveis atraentes ao produtor.

Nos últimos anos, observou-se no mercado mundial de açúcar, um aumento na produção mais acentuado que o aumento no consumo, o que acabou gerando incremento constante dos estoques de passagem, refletindo diretamente na queda dos preços internacionais da commodity. Com a recente quebra da safra brasileira e diminuição da produção mundial como um todo, o comportamento dos preços inverteu-se, levando à recuperação firme das cotações internacionais.

### Frango

O setor de aves, é, inegavelmente, um dos que mais cresceram nos últimos anos no Brasil. A expansão da





avicultura, como demonstrada pelo Gráfico 7, é algo notável. O consumo interno anual é de cerca de 30 kg/hab.ano, sendo que, em 1994, o consumo per capita de 19 kg/hab.ano. A taxa média de crescimento médio do consumo atingiu a marca de 8,3% ao ano. Esse aumento no consumo se deve às características desse produto, sendo elas: preço atrativo (comparado às outras carnes); ciclo de produção curto; e imagem de produto saudável.

Em relação à produção, o Brasil, é hoje o terceiro maior produtor mundial de carne de frango, atrás apenas dos Estados Unidos e China, com uma das melhores taxas de conversão alimentar do mundo. O setor apresentou crescimento médio anual de produção de 10,5%.

Nas exportações, o Brasil também é destaque, tendo conquistado mercado

nesses últimos anos, e consolidando a segunda posição, em termos de exportação mundial. Os principais mercados hoje são Oriente Médio, Europa, Ásia e Mercosul. A taxa de crescimento média anual das exportações brasileiras é de 11,1%, no período observado.

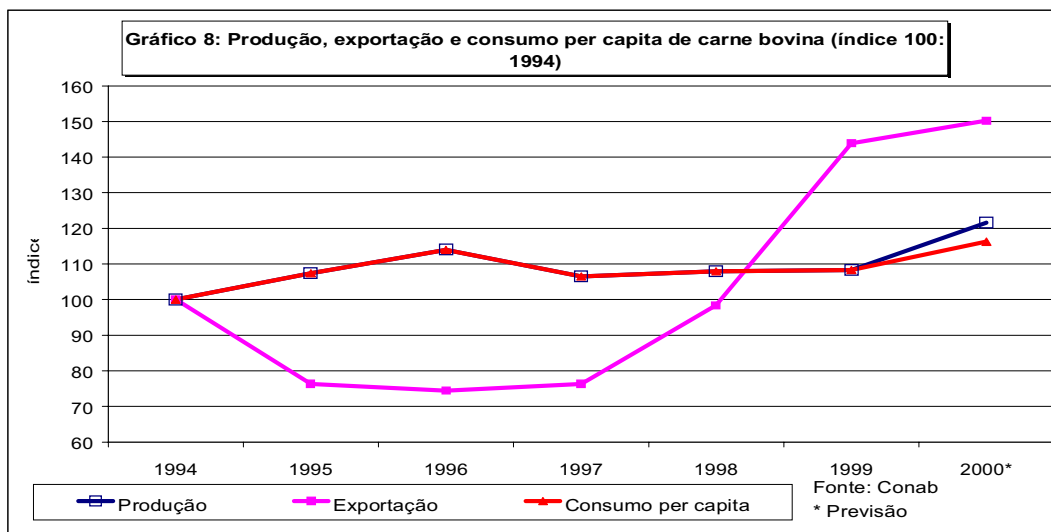
### Carne Bovina

O setor de pecuária de corte, apesar de permanecer tanto com a produção, como com o consumo praticamente estáveis nos últimos anos, demonstrou grande expansão nas exportações, principalmente a partir de 1997, com a abertura de novos mercados para a carne brasileira, com incremento médio anual de 10,3% (Gráfico 8).

O Brasil é hoje o segundo maior país em volume de abate de bovinos no mundo, situando-se atrás apenas dos

Estados Unidos, além de possuir um dos maiores rebanhos mundiais. Apesar deste volume alto, a taxa de abate do rebanho brasileiro ainda é pequena (21%), se comparada com a taxa de outros países produtores. O setor apresentou crescimento médio anual de produção de 1,7%.

Já o consumo per capita brasileiro de carne bovina, gira ao redor de 37,3 kg/hab/ano, considerado apenas razoável, tomando-se como parâmetro o consumo de outros países como os Estados Unidos (41,5 kg/hab/ano), a Argentina (56,2 kg/hab/ano) e mesmo o Paraguai (43 kg/hab/ano). Outras carnes como a de frango ganharam muito espaço nos últimos anos no mercado de carnes brasileiro, em detrimento da carne bovina, que manteve o nível de consumo, sem grandes alterações. A taxa média anual de crescimento no consumo, para o período analisado, foi de 2,1%.



## Considerações Finais

A Tabela 2, a seguir, consolida as informações referentes às taxas de crescimento médio anual da produção, produtividade, consumo per capita e

va: todos os produtos agrícolas considerados apresentaram significativos ganhos de produtividade, o que contribuiu para anular perdas em função da queda de preços reais da maior parte desses produtos. Deve-se ressaltar que

**- aumento do consumo no mercado interno e das exportações:** no mercado interno, destaca-se o aumento na demanda do frango e leite, com crescimentos médios próximos de 10% ao ano, e do consumo da soja e café (principalmente para rações), que apresentaram um incremento no consumo superior a 5% ao ano. Deve-se destacar o aumento do consumo interno voltado para as proteínas animais, denotando melhoria na renda da população. No que tange às exportações, novamente o frango, a soja, o açúcar e a carne apresentaram um crescimento médio anual superior a 10%.

**- melhoria nos arranjos contratuais entre os agentes do agronegócio e maior eficiência no sistema de logística e distribuição:** esses dois fatores permitiram uma diminuição das margens entre o preço recebido pelo produtor e o varejo. O Gráfico 9 foi construído a partir dos índices de preços da cesta básica no varejo (ICB) daqueles oito produtos e do índice de preços agropecuários (IPAg) dos mesmos itens. Ambos foram ponderados pelos respectivos pesos da cesta. Pode-se constatar que os preços agrícolas tiveram não só um maior aumento de preços em relação aos da cesta básica como uma maior tendência de alta das cotações, conforme curva destacada no Gráfico 9.

**Tabela 2**  
Taxas de crescimento médio anual no Plano Real dos principais produtos componentes da cesta básica

| Produto           | Taxa de crescimento médio anual no Plano Real (em %). |                                       |   |                            |
|-------------------|---|---------------------------------------|---|----------------------------|
|                   | Produção <sup>(1)</sup>                               | Produtividade da terra <sup>(1)</sup> | Consumo interno per capita <sup>(2)</sup> | Exportações <sup>(2)</sup> |
| Frango            | 8,4   | -                                     | 8,3                                       | 11,0                       |
| Soja              | 5,0   | 1,7                                   | 6,5 <sup>(*)</sup>                        | 13,5                       |
| Açúcar            | 9,2   | -                                     | 2,9                                       | 11,3                       |
| Café              | 4,8   | 1,7                                   | 5,6                                       | 4,1                        |
| Pecuária de corte | 2,0   | -                                     | 1,5                                       | 10,8                       |
| Leite             | 3,3   | -                                     | 7,4                                       | -                          |
| Arroz             | 0,8   | 3,8                                   | 0,2                                       | -                          |
| Feijão            | -2,1  | 2,8                                   | -2,6                                      | -                          |

Fontes: Dados originais do IBGE, CONAB, USDA, FNP Consultoria

(1) entre 1994 e 2000 e (2) variação entre 1994 e 1999

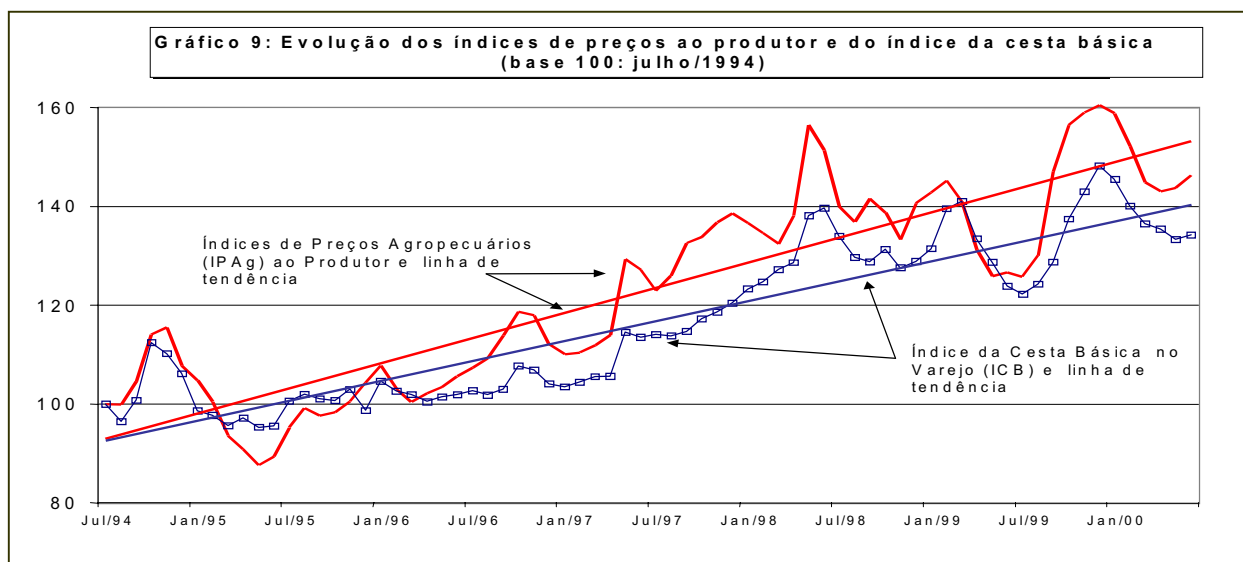
(\*) consumo de farelo de soja para ração animal

exportação nos setores selecionados. Destaca-se a produção de frango, com uma taxa de crescimento médio anual de 8,4%; o açúcar, com 9,2%, e a soja, que cresceu a uma taxa de 5% ao ano. O único produto com crescimento negativo foi o feijão, caracterizado por baixa elasticidade-renda e pela difícil comercialização com outros países.

Podem-se sugerir, pelo menos, três elementos decisivos para esse desempenho:

**- ganhos de eficiência produ-**

essa queda nas cotações é uma tendência comum para todas as commodities no longo prazo, na medida em que ocorrem inovações tecnológicas. Apenas para se ter uma idéia da incorporação de tecnologia na produção agrícola no País, pode-se citar o aumento do consumo de fertilizantes, que partiu de 10,5 milhões de toneladas em 1993, ano anterior ao Plano, passando para cerca de 14,3 milhões em 1999 e com perspectivas de superar a marca de 15,5 milhões de toneladas no presente ano.



Fonte: Índices elaborados pela SEAE/MF, a partir de dados originais da CONAB, FGV, CMA, ESALQ/USP, IEA e Procon/Diecise (base 100 = julho/94).

Foi elaborado, também, o Gráfico 10, contendo os preços desses produtos, em quantidades equivalentes, tanto no indicador dos produtos de cesta básica quanto no indicador dos preços pagos ao produtor. Consta-se que os preços no varejo, ao longo do período, sofreram reajuste de 34%, enquanto os preços ao produtor subiram cerca de

53%.

O setor agropecuário tem apresentado, portanto, papel fundamental na consolidação do Plano Real, ao mesmo tempo aumentando a produção, como resposta ao incremento da demanda interna e externa, com efeitos positivos sobre o resultado da Balança Comerci-

al, e servindo como importante “âncora” dos preços ao consumidor. Basicamente, ganhos de produtividade e aumento de eficiência ao longo da cadeia produtiva permitiram o aumento da competitividade desses sistemas agroindustriais, fatores que viabilizaram a simultânea queda de preços reais e aumento da produção.

